

LETRAMENTO LITERÁRIO E DIGITAL: A LEITURA EM REDE

(1) Berenice da Silva Justino; (2) Patrícia de Farias Sousa;

Universidade Estadual da Paraíba. Email: berenicejustino@yahoo.com.br

Universidade Estadual da Paraíba. Email: paty_fariassousa@hotmail.com

Resumo

A leitura em tempos de tecnologias é uma temática muito discutida, mas ainda precisa de um olhar atento, principalmente no que se refere ao texto literário no contexto digital. O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa realizada no mestrado Posle- UFCG em 2012. Essa pesquisa também refletiu sobre os vários olhares sobre o letramento, em especial: letramento literário e digital. Como proposta de refletir essas práticas de leitura literária nas mídias digitais este trabalho tem como propósito a formação de leitores de textos literários em rede, pois acreditamos que a maioria dos jovens está interagindo cada vez mais diante de uma tela de computador por ser uma leitura atrativa a esse público contemporâneo em tempos de *ciberespaço* e da *cibercultura*. Nesse sentido, esse novo espaço de leitura abre novas possibilidades para o leitor, pois os jovens podem ler, apreciar, escolher, sugerir e interagir com inúmeros textos literários, inclusive com o poema. A esfera digital não se dá apenas como espaço de leitura, mas de formação aberta e colaborativa para que o leitor/navegador interaja a partir de postagens e comentários em rede. Como aporte teórico, utilizamos os estudos de em Soares (2002/ 2003), Cosson (2006), que abordam questões voltadas para letramento, letramento digital e o letramento literário; Assumpção (2008), Freitas (2003) Lévy (1993), voltados para questões da cultura digital e a relação da leitura literária no suporte digital; Candido (1995), Jouve (2002), sobre leitura e a literatura.

Palavras-chave: Letramento digital; Letramento literário; Tecnologia digital; Leitura em rede.

INTRODUÇÃO

O espaço virtual constitui-se como uma maneira de se relacionar com o conhecimento, tendo em vista a rapidez com que as informações têm contribuído para a transformação da sociedade atual. O meio eletrônico e o avanço tecnológico impõem outra forma de ler mediante os textos disponíveis em contexto digital.

É notório que os avanços dos meios digitais apresentam um espaço desafiador – o *ciberespaço* – como meios de interações que segundo Lévy (1999), dá início a era da *cibercultura*, que abrange o final do século XX e início do XXI, a partir de uma configuração técnica, em que mais um estilo de humanidade está sendo inventado. O autor defende que o *ciberespaço* e a *cibercultura* provocam inovações na maneira de ler, exigindo que os indivíduos assumam múltiplos papéis de leitura e de produção de texto.

O termo letramento ganhou repercussão no final do século XX em decorrência das grandes transformações culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas, ampliando, assim, o significado



tradicional da alfabetização. Essas mudanças alteram o estado ou condição do indivíduo ou de um grupo social. O letramento é o resultado da ação de “letrar-se”, no sentido de torna-se “letrado”. A palavra letramento faz referência ao “estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas”. Para atingir esse estado ou condição é necessário o leitor dominar o código escrito e, ao fazer uso dele, ser capaz de participar das situações sociais que exigem o uso da leitura e da escrita a partir de suas necessidades pessoais ou da sociedade em que vive. (SOARES, 2003, p. 38).

Buzato (2003) comenta que "as pessoas alfabetizadas não são necessariamente 'letradas', pois apesar de saberem ler e escrever muitas não conseguem construir uma argumentação, interpretar um gráfico, encontrar um livro em um catálogo etc.". Dessa forma, o autor versa que o letramento é uma capacidade do indivíduo que vai além da aprendizagem de um código linguístico, que possibilita a construção de sentidos e, conseqüentemente, até a construção de conhecimento, com base no que foi aprendido.

É notório que a noção de *letramento* ultrapassa o que entendemos pelo processo de alfabetização, pois enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade (TFOUNI, 1995). Logo, resulta de um processo social que considera não somente a codificação e decodificação, mas, essencialmente, o uso social destas práticas sociais de leitura e escrita, se caracterizando como um processo amplo que abrange o sujeito alfabetizado e o não-alfabetizado.

Assim, as práticas sociais de leitura ou de escrita abrangem um amplo leque de situações do cotidiano das pessoas. Essas práticas, por exemplo, podem ser manifestas por meio da escrita de uma lista de compras, orientação na cidade para pegar um ônibus, compreensão da posologia na bula do remédio, leitura do horóscopo e resumo da novela, busca de informações sobre a situação econômica ou envio de uma carta para um amigo.

Colello (2003) traça inúmeras considerações sobre assunto. Para ela, o termo “letramento” remete a uma dimensão complexa e plural das práticas sociais de uso da leitura e da escrita, que motivou a emergência de inúmeros estudos a respeito de suas especificidades. Considerando esta diversidade de abordagem, nos meios educacionais e acadêmicos a referência para a palavra já apresenta-se em sua forma plural - “letramentos”.

A autora afirma que ganhamos a possibilidade de repensar o trânsito do homem na diversidade dos “mundos letrados”, cada um deles marcado



pela especificidade de um universo, ou seja, inserido em um tipo de letramento. Desta forma, ao citar Soares (2002), ela apresenta que é possível confrontar diferentes realidades, como por exemplo: o “letramento social” com o “letramento escolar”; ou ainda compreender as exigências de aprendizagem em uma área específica, como é o caso do “letramento científico”, “letramento musical” o “letramento da informática ou dos internautas”, que denominamos como *letramento digital* em nossa pesquisa.

Soares (2002, p.145) ainda discute que “o letramento é a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita incorporando as práticas que as demandam [...] e que não existe o letramento e sim, ‘letramentos’”. Nesta perspectiva, a tela do computador se constitui como outro modo de leitura e de escrita, desencadeando novas práticas e eventos de letramento, o digital.

O conceito de letramento ao ser incorporado à tecnologia, denominado de *letramento digital*, está diretamente ligado ao termo alfabetização tecnológica. Para que o leitor atual usufrua desse tipo de alfabetização é preciso dominar a tecnologia e, para isso, faz-se necessário ser alfabetizado digitalmente nesse novo contexto comunicativo da contemporaneidade.

O uso das tecnologias contribui significativamente para a socialização dos indivíduos, pois, hoje, as tecnologias são parte do cotidiano das pessoas e contêm aspectos de sua cultura. Na sociedade tecnológica, segundo Belloni (1991), a interação do indivíduo passa pela família, escola e a mídia, inclusive a digital, contribuindo para ampliar a compreensão de alfabetização tecnológica.

Nessa perspectiva, esse tipo de alfabetização tecnológica não deve ser dissociada da Educação, da formação do cidadão e, para isso, faz-se necessária a intervenção da escola no sentido de propiciar sistematicamente a interpretação das mensagens veiculadas nos meios de comunicação eletrônicos e a familiarização com a linguagem e o funcionamento das tecnologias em geral.

Xavier (2005), ao citar Barton (1998), pontua que o letramento digital seria mais um *tipo* e não um novo *paradigma* de letramento imposto à sociedade contemporânea pelas inovações tecnológicas. Segundo o autor,

Letramento não é o mesmo em todos os contextos; ao contrário, há diferentes letramentos. A noção de diferentes letramentos tem vários sentidos: por exemplo, práticas que envolvem variadas mídias e sistemas simbólicos, tais como um filme ou computador, podem ser considerados



diferentes letramentos, como letramento fílmico e letramento computacional (computer literacy) (BARTON, 1998 *apud* XAVIER, 2005. *Op cit.* p. 9).

Os autores discutem que os tipos de letramentos mudam porque são situados na história e acompanham a mudança de cada contexto tecnológico, social, político, econômico ou cultural em uma dada sociedade. Além disso, os letramentos são modificados também pelas instituições sociais, cujas regras e valores estabelecem uma relação de luta pelo poder que, por sua vez, persuade sutilmente ou “convence” pela força uma comunidade inteira a aprender o tipo de letramento que é apresentado como oficial, logo, que deve ser obrigatoriamente assimilado.

O letramento digital (práticas sociais de leitura e escrita nas tecnologias digitais) se diferencia do letramento tradicional (práticas sociais de leitura e escrita em meios convencionais) pelo fato de que ele transmite práticas de leitura e de escrita digitais, na *cibercultura*, de modo diferente de como são conduzidas as práticas de leitura e de escrita quirográficas e topográficas, isto é, do letramento tradicional (SOARES, 2002). Desta forma, entendemos que o indivíduo, além de realizar buscas textuais no meio digital, tem que interagir com o texto e, assim, assimilar o conhecimento necessário para explorar os dispositivos eletrônicos. Em outras palavras, para que o indivíduo se torne digitalmente letrado ele precisa ler e escrever na internet.

Lévy (1999, p.17) define letramento digital como um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, como sendo um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores.

Xavier (2002, p.2) reflete sobre a necessidade de "mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais (imagens, desenhos gráficos) na tela digital". Ele afirma que, nesse contexto, o usuário para ser letrado digitalmente, ao acessar a internet, precisa compreender que não se trata de uma simples busca, mas é necessário saber o que procura no “vasto mundo virtual” com afinco e ter ciência de sua busca para interpretá-la com clareza.

O indivíduo letrado digitalmente, dado o seu conhecimento cognitivo, saberá acessar a informação em meio digital, utilizar e compreender as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) e, com isso, ampliar sua consciência crítica em relação à vida pessoal e coletiva (SILVA *et al*, 2005). Letramento digital, portanto, significa não apenas saber como utilizar as tecnologias digitais, mas entrar em contato com



essas tecnologias de maneira significativa, entendendo seus usos e possibilidades na vida social.

Para além dos vários tipos de letramentos, devemos pensar também no Letramento Literário, que pode ocorrer nas práticas sociais de leitura e escrita dos jovens adolescentes, frente aos meios midiáticos. Como assegurar o lugar do texto literário, isto é, possibilitar nesses espaços de interação contemporânea o letramento literário, quando a internet, os filmes e documentários oferecem imagens, histórias, personagens de forma interativa? Desta forma, ao discutir o Ensino da Literatura pela perspectiva do letramento, procuramos, ao longo do texto, tratar da tecnologia, como acesso interativo do leitor com o texto literário. Candido (1973) afirma que a literatura deve ser vista como um direito do ser humano, adquirindo uma função social, uma vez que ela contribui para a humanização do leitor:

Humanização é o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1973, p. 18).

A função social da literatura deve ser respeitada em todos os espaços, e sobretudo no de escolarização. Nesse sentido, o letramento literário é uma estratégia metodológica no direcionamento, fortalecimento e na ampliação da educação literária oferecida aos alunos a fim de torná-los leitores proficientes, dentro e fora do contexto escolar.

No campo das produções teóricas sobre letramento literário, destacam-se as contribuições de Rildo Cosson (2006) que, além do aparato teórico, apresenta também estratégia metodológica, a partir de práticas observadas em suas pesquisas. O autor defende que o processo de letramento literário é diferente da leitura literária por fruição, na verdade, esta depende daquela. Para ele, a literatura deve ser ensinada na escola:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2006, p. 23).

Assim, no contexto do letramento literário, o educador não pode simplesmente exigir que o aluno leia a obra e ao final faça uma prova ou



preencha uma ficha de leitura. Deve, no entanto, oferecer meios para que a leitura se constitua a partir de escolhas que são provocadas pelo educador, o qual pode proporcionar o encontro entre a obra e o leitor em diferentes contextos e suportes de textos e, assim, desenvolver a proficiência da leitura literária na escola.

O conceito de Cosson (2006) sobre letramento nos estudos literários (*letramento literário*) deve ser entendido enquanto conjunto de práticas sociais que usam a escrita e a leitura literária. Nessa perspectiva, o foco é a compreensão e a ressignificação dos textos literários lidos, por meio da motivação de quem ensina e de quem aprende. Desta forma, o letramento literário é visto como estado ou condição de quem é capaz de ler textos em diferentes formas (verso e prosa) e dele se apropriar efetivamente por meio da experiência estética, saindo da condição de mero espectador para a de leitor literário.

O autor afirma que o letramento literário precisa acompanhar, por um lado, as três etapas básicas do processo de leitura - antecipação, decifração do código e interpretação- e, por outro, o saber literário associado à função humanizadora da literatura. Para o autor, a leitura literária compreende três tipos de aprendizagem.

A primeira aprendizagem da literatura dá-se por meio da experiência estética do mundo por meio da palavra e instiga os sentidos, os sentimentos e a intimidade, pois há uma relação tátil, visual, sensorial, emocional do leitor com o texto. A segunda aprendizagem da literatura envolve os conhecimentos de história, teoria e crítica; prevalência dos didatismos nos currículos escolares. A terceira aprendizagem da literatura está relacionada aos saberes e às habilidades proporcionados aos usuários pela prática da literatura: ampliação do universo cultural do leitor por meio de diversos temas humanos, sociais, políticos, ideológicos, filosóficos, dentre outros, tratados nos gêneros literários (COSSON, 2006, p. 23).

Os itens citados são imprescindíveis na formação do leitor literário; entretanto, são as oportunidades de aprendizagens que mais estão ausentes nas práticas docentes, pois há uma preocupação exacerbada com questões meramente teóricas e, com isso, o ensino de literatura tem sido a grande vítima dos desgostos e dos fastios literários dos alunos.

O prazer da leitura literária passa por meio da interação significativa entre leitor e texto, que, por sua vez, passa pelas condições de leitura oferecidas. A realidade da leitura literária nas escolas e nas práticas pedagógicas ainda aponta para muitos equívocos que travam o desenvolvimento do letramento literário dos alunos.

Diante da concepção de letramento já exposta, vemos outras proposições para a



compreensão de letramento literário desenvolvidas por Zappone (2008):

A primeira proposição é a de que o Letramento literário pode ser compreendido como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária, entendida como aquela cuja especificidade maior seria seu traço de ficcionalidade;

A segunda proposição apresenta que o letramento implica usos sociais da escrita, saindo da esfera estritamente individual, infere-se que o letramento literário está associado a diferentes domínios da vida e, nesse sentido, seria interessante pensar em quais contextos ou espaços sociais podem ser observadas essas práticas de letramento literário que são plurais. Assim, alguns usos sociais poderiam ser assinalados de quatro maneiras.

- 1) pela presença de formas ficcionais em outras mídias, diferentes do livro impresso, tais como adaptações de textos literários para a televisão, teatro, cinema, usos da escrita ficcional no ciberespaço;
- 2) por leituras não canônicas, ou seja, leituras não necessariamente ancoradas na história de leitura de textos produzida por críticos ou pela academia;
- 3) pela leitura de textos não canônicos sobre o qual pouco se sabe ainda hoje (leitura de romances “cor-de-rosa”, por exemplo, leitura de *best-sellers* e outros textos ficcionais que estão à margem do letramento literário escolar etc), mas que já começa a ser estudada com mais ênfase por historiadores da leitura e do livro;
- 4) por apropriações de textos não produzidos inicialmente como textos ficcionais, mas que funcionam como tal diante de certos públicos que deles se apropriam numa atitude de gratuidade, estabelecendo com eles uma relação de ficcionalidade e de gratuidade, tais como matérias jornalísticas, depoimentos, biografias etc. (ZAPPONE, 2008, p. 53).

Zappone (2008) não focaliza a leitura canônica como forma de letramento literário, ele expõe outras práticas sociais de leitura e escrita que favorece o letramento literário, porém, não deixa de assinalar logo abaixo sobre as práticas de letramento literário, padronizadas, que faz referência à produção canônica, reconhecida pela academia.

A terceira proposição apresenta que as práticas de letramento literário são padronizadas ou determinadas pelas instituições sociais e pelas relações de poder, nota-se que há formas de letramento mais dominantes, mais valorizadas e influentes que outras. No caso da literatura, é evidente que as práticas de letramento literário realizadas no espaço escolar são as mais visíveis e valorizadas.

Por fim, a quarta proposição aponta que o letramento e o letramento literário são historicamente situados. Quando se observam na conceituação de letramento que os usos da escrita são práticas sociais, deduz-se que tais práticas são efetuadas ou realizadas por indivíduos ou grupos que se constituem como identidades



sociais distintas, específicas. Por isso, como tais práticas são realizadas por identidades diferentes, os modos de fazer uso da escrita literária e sua leitura também são diferenciados, pois são construídos historicamente e socialmente.

Para certa comunidade, a leitura de textos poéticos pode não fazer sentido e, por isso, nem serem conhecidos textos poéticos, ao passo que formas ficcionais veiculadas pela televisão podem constituir grande fonte de evasão. Significativo para a compreensão dos diferentes letramentos seria verificar os elementos, situações e contextos que os determinam, tais como nível de escolaridade dos indivíduos.

Como se percebe, o conceito de letramento, aplicado ao estudo da literatura, mostra-se bastante fértil, pois permite uma compreensão do literário situada para fora dos contextos de uso social da literatura. Conhecer as práticas de letramento literário presentes na escola, bem como as práticas de letramento literário presentes em diferentes lugares sociais, podem contribuir para que se possa pensar nas relações entre essas duas esferas, escola e vida social, fazendo-as convergir para a formação de indivíduos com graus de letramento e de letramento literário cada vez maior. Nesse sentido, entendemos que a educação literária abarca o preparo do estudante para interagir com textos escritos já consagrados pela historiografia, como também o preparo para leitura de outras formas ficcionais que permeiam sua cultura e seu tempo.

A leitura literária pode estar presente no ambiente familiar e escolar desde os primeiros anos de vida, seja através dos livros ou dos computadores. Essa afirmação pode parecer utópica, mas não é. Ela está fundamentada em um referencial teórico que permite acreditar que a democratização do ensino exige um repensar sobre nossa história socioeconômica de exclusão, apresentada por Alexandra Pinheiro (2011).

A autora discute que, antes, a exclusão da leitura literária referia-se, principalmente, à dificuldade do acesso ao livro. Na atualidade, a tecnologia veio para substituir os livros e é apontada como uma “vilã” do ensino de literatura. Esta reflexão acerca do espaço da literatura no contexto do ciberespaço suscita alguns questionamentos, tais como: Quais possibilidades podem ser abertas para a literatura na internet? Que relações podem ser estabelecidas entre a leitura literária e o hipertexto informático? Até onde a revolução eletrônica está afetando a literatura? Essas e outras são inquietações para muitos pesquisadores repensar.

O espaço cibernético oferece inúmeras possibilidades de leitura literária. O leitor pode vivenciar interações diversas, tanto com textos como com outros leitores. Entretanto, percebemos que a desigualdade econômica dificulta o



contato efetivo de muitos leitores nesse ambiente de leitura, mostrando que a situação socioeconômica e as práticas culturais ainda são limitadas e, por isso, devem ser (re) pensadas no que se refere ao acesso à literatura, seja a partir do código ou da tela de um computador.

Outra questão discutida sobre a relação internet e literatura é apresentada por Santos (2001 *apud* FREITAS, 2003, p. 156). As autoras partem do princípio de que é difícil aceitar uma ligação entre literatura e internet devido a duas ordens de preconceitos:

De um lado, os tecnófilos veem a tecnificação do literário como algo inevitável diante do qual, todos devem se curvar sem resistência. Do outro, há os que desconfiam do novo suporte com medo de que o texto literário apresentado na tela perca a aura da Literatura (SANTOS, 2001 *apud* FREITAS, 2003, p.157).

Percebemos que estes são conflitos que dividem a opinião de críticos da relação literatura e internet, já que os tecnófilos acreditam que tudo deve se curvar ao que é oferecido pelas tecnologias, enquanto os estudiosos, admiradores da arte literária, temem que esta tecnologia reinvente a arte literária e acabe por comprometer a beleza estética do texto literário nesse espaço de subversão que se configura o ciberespaço, pois nas produções hipertextuais há mudanças na configuração do texto que exige do leitor habilidades que fogem ao convencional quanto a maneiras de ler.

Lucas (2001 *apud* FREITAS, 2003, p. 158) afirma que a “literatura exige o vagar da reflexão, o prazer da leitura demorada, a lentidão da fruição estética que não pode se coadunar com a velocidade e a rapidez do tempo, próprias do *ciberespaço*”. O que o autor apresenta faz referência à rapidez com que acontece a interação comunicativa própria da internet, tanto na escrita como na leitura.

O autor acredita que esse suporte de leitura transforma a recepção dos leitores, e esses, ao escolher a internet para a leitura literária, acabam por não reservar um espaço acolhedor propício para uma leitura solitária, reflexiva, em que o leitor se encontre significativamente com a leitura literária. Entretanto, Moraes (s/d *apud* Freitas, 2003, p 162) acredita que o vertiginoso crescimento dessa leitura em meio digital está ligado ao fato de que os textos literários, por apresentarem uma característica da intertextualidade, são compatíveis com a natureza dos fluxos digitais.

É notório que leitura literária em rede (no espaço digital) pressupõe uma mudança de paradigmas, em que o hipertexto assume papel de destaque, pois altera-se o ritmo na leitura, porém, podemos, sim, ler de forma vagarosa e reflexiva, isto



só depende da relação texto/leitor que mesmo estando diante de inúmeros *links* que irão surgir diante de seus olhos, ele pode decidir em parar, escolher, ler e refletir diante de um único texto. Esse leitor pode escolher o vagar da leitura mesmo diante da tela de um computador, evitando a leitura rápida de inúmeros hipertextos. É com essa mesma atitude aberta, receptiva, que o leitor deve percorrer o espaço dado pela internet à literatura, pois nas páginas da *web* crescem a cada dia os endereços que levam a *sites* sobre literatura, envolvendo autores, obras, gêneros, movimentos literários, períodos históricos etc.

CONCLUSÕES

Ao longo do estudo, percebemos que a internet está possibilitando que os jovens leiam/escrevam cada vez mais. Esse espaço possibilita o encontro com a literatura num contexto de interação efetiva. É oportuno considerar que no mundo da internet é oferecido um amplo e variado acervo para a leitura e o leitor do *ciberespaço* precisa apresentar algumas condições mínimas frente à tela digital. Diante da multiplicidade de ofertas, a escolha pessoal do leitor pode dar início ao processo de navegação pelos mares da Literatura.

Compreendemos que para melhor entender o que acontece na rede de internet, é necessário ir além das aparências. Dessa forma, “só mergulhando no mundo do *ciberespaço*, navegando pela internet, que conhecemos o que ela tem a oferecer”, isto é, se existe espaço para a leitura literária vamos saber no momento de acesso das possibilidades oferecidas pela internet (FREITAS, 2003, p. 165).

A internet e seus inúmeros hipertextos é uma obra aberta que potencializa o leitor que fica ainda mais livre para ler/escrever. O papel do autor e do leitor se confunde, pondo em discussão o caso da autoria textual. Trata-se de uma obra coletiva, mutante, onde o leitor a completa no momento de sua interação via internet. Essas questões geram muitas discussões em torno da credibilidade das informações que circulam na rede.

Nesse contexto, a expansão do uso do hipertexto no que se refere às práticas de leitura e escrita, marcou mudanças na recepção do texto, pois o hipertexto rompe com as sequências estáticas e lineares de caminhos únicos, com início, meio e fim prefixados. Com a existência de infinitas possibilidades de escolha do usuário, cada leitor formula um movimento singular ao interligar as informações de sua seleção, configurando um caminho em sua leitura.

Entendemos que a informação na internet é disposta e organizada numa teia que permite ao *navegante* os mais diversos caminhos, provocando a sensação de que sua incursão não tem início nem fim preciso, mas possibilidades de interação.

Assim, as redes de interação digital oferecem múltiplas oportunidades ao leitor.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, O. H. O texto eletrônico: um novo desafio para o ensino da leitura e da escrita. In: PEREZ, F. C. e GARCIA, J. R. *Ensinar ou aprender a ler e a escrever?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

ASSUMPCÃO, S. S. de. Blogs e Comunidades do Orkut: Caminhos para a formação do leitor de literatura. In.: CORRÊA, A. A. (Org.). *Ciberespaços: mistificação e paranóia*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 7. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1973.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998.

COLLOMER, T. Trad. SANDRONI, Laura. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

CORRÊA, A. A. Inclusão social e literatura digital no Brasil. In: ____; ASSUMPCÃO, S. S. de. [et al] (Orgs.). *Ciberespaços: mistificação e paranóia*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

____. Técnica e valor do texto literário na era digital. In: Jobim, José Luís (Org.). *Literatura e informática*. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

FERNANDES, A. N. Faces da poesia no meio digital: experimentação estética e influência.

FREITAS, M. T. A. Leitura, escrita de Literatura em tempos de internet. In: PAIVA, A. (org.). *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces, o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2003.

GÓMEZ, M. V. (2004): *Educação em rede: uma visão emancipadora*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire.

JOUBE, V. *A leitura*. Tradução Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LÉVY, P. *O que é o virtual*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996. Janeiro: 34, 1993.

____. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

PINHEIRO, A. S. O Ensino de Literatura: A questão do letramento literário. In:



Pinheiro, A. S. (et all). *Leitura e Escrita na América Latina: Teoria e prática de letramento*. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

RAMAL, A. C. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

SILVA, O. S. Tecendo os fios das experiências dos professores de língua portuguesa: do texto do papel ao texto digital. *XII EPENN*, 2005 (on-line).

SOARES, M.2 *Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura*. Educ. Soc., Campinas, v.23, nº81, p.143-160, dez. 2002.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed., 7. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TFOUNI, L.V. *Letramento e alfabetização*. São Paulo, Cortez, 1995.

XAVIER, A. C. dos S. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação*. Tese de Doutorado em Linguística, IEL, UNICAMP, Campinas. 2002.

_____. Letramento Digital e Ensino. In: SANTOS, Carmi Ferraz e MENDONÇA, Márcia. (Orgs.). *Alfabetização e Letramento: conceitos e relações*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. 1, p. 133-148.

ZAPPONE, M. H. Y. Letramento literário: tecendo conceitos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC. 10. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: [s.n], 2008.

REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS:

BELLONI, M. L. Educação para a mídia : missão urgente da escola. *Revista Comunicação e Sociedade*, nº 17, 1991. In: _____. *Mídia-educação: ética e estética*. Disponível em: www.comunic.ufsc.br/artigos/midia_mediacao.

BUZATO, M. K. Letramento digital abre portas para o conhecimento (2003). *EducaRede*. Disponível em: http://educarede.org.br/educa/html/index_busca.cfm. Acesso em: 11/08/2001.

CASALEGNO, F. Hiperliteratura, sociedades hipertextuais e ambientes comunicacionais. In: <http://www.mit.edu/~fca/papers/Hiperliteratura.pdf>. Acesso 15/08/11.

COLELLO, S. M. G. Alfabetização e Letramento: Repensando o Ensino da Língua Escrita (2003). Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm>. Acesso em: 21/05/11.

